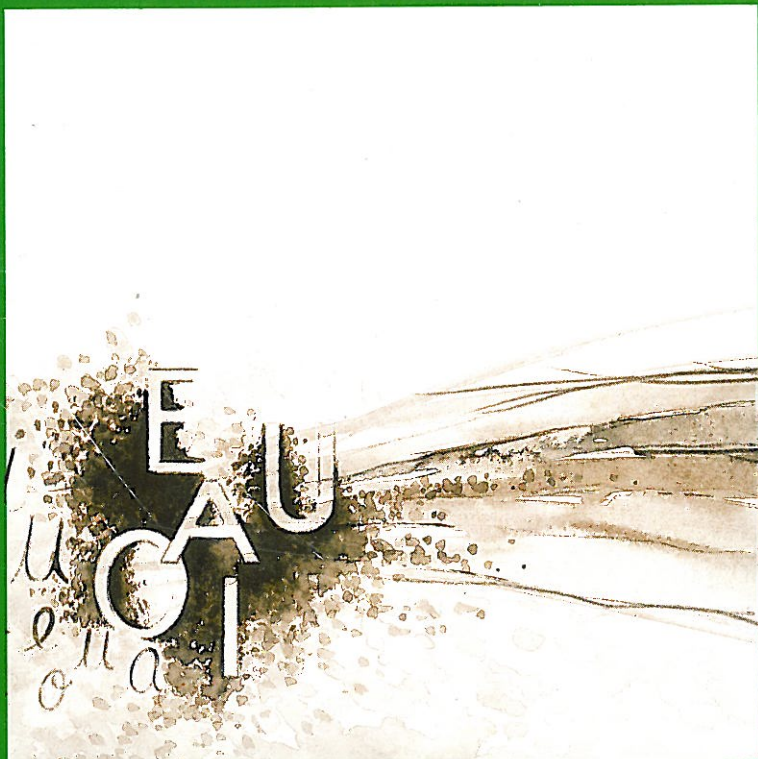


a cor das vogais



Poemas de Vergílio Alberto Vieira
ilustrados por Jorge Ulisses

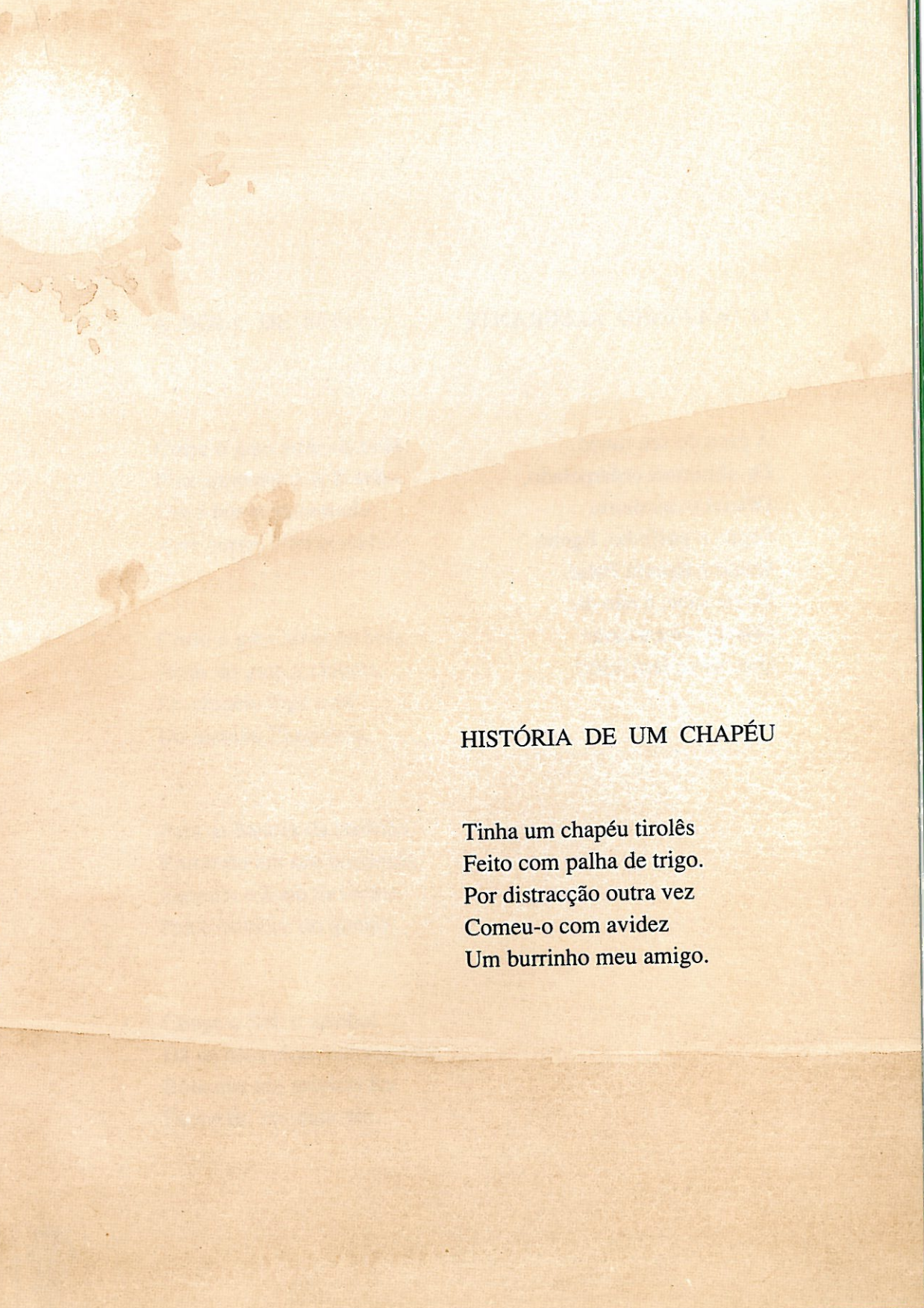
LIVROS PARA A INFÂNCIA

*A uma cigarrinha chamada Sofia,
que canta de noite e dorme de dia.*

SOFIA COTOVIA

Não canta o dia, não!
Canta a luz das águas
Em manhã de verão.





HISTÓRIA DE UM CHAPÉU

Tinha um chapéu tirolês
Feito com palha de trigo.
Por distração outra vez
Comeu-o com avidez
Um burrinho meu amigo.

O GOLFINHO ALMIRANTE

À proa do seu navio,
De almirante enfarpelado,
Oficial e cavaleiro,
Segue o golfinho, ligeiro,
Rumo à Estrela Polar.
Só ele sabe, e não diz:
Quando vier a casar
Que noiva fará feliz?

A BOLA DE SEBO

Corre o gato atrás da bola
P'ra aprender o A B sebo.
Diz a burro atarantado:
Arre burro! Não percebo!

Corre o gato atrás da bola,
Atrás do gato a chinela,
Da chinela foge o pé
Da menina Pimpinela.

Para as bandas da cozinha,
Entretido em seu bosquejo,
Espreita o Rato Severino
Pelos buracos do queijo.

Chega o Sol, o arrebol
Dá os bons-dias, em segredo.
Bola que um menino fez
Derreteu: era uma vez...





HISTÓRIA DE UMA ESTRELA

De tanto a noite olhar,
E de uma sozinha estrela
Mais que as outras fixar,
Deixou, o menino, de vê-la.

Fez-se pequeno o destino,
Fez-se tão pequeno o mar
Que nos olhos do menino
Caiu uma estrela a brilhar.



BALADA

À Sara,
na morte do peixinho
Folha-de-Água.

Nas águas mortas de Outono
Dorme ainda, por um instante,
Doirando o pequeno sono
À luz de vago abandono
Como uma estrela distante.

AS VIOLETAS

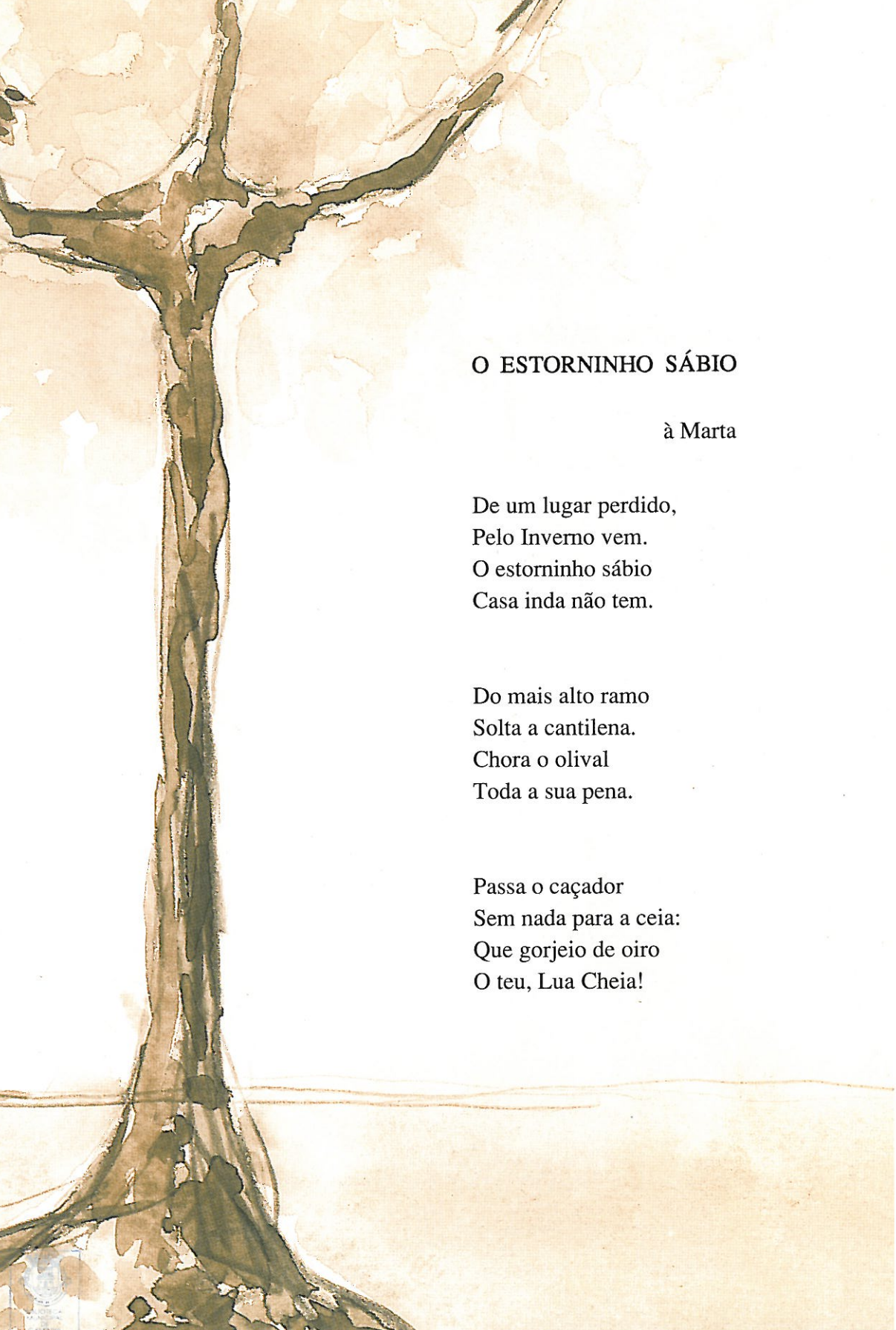
De tão
Frágeis,
As violetas
Ainda mais
Frágeis
São.

Que ternura
De seda prende
A flor ao pé?
Fosse a cor da paixão,
Paixão da cor
Mas não, não é!

Perfume
Quase não têm.
Guardam do sol, a luz
Com gratidão.

Fica, assim
Das violetas
O magoado jeito
De se deixarem abraçar
Devagar, devagarinho
Contra o peito.





O ESTORNINHO SÁBIO

à Marta

De um lugar perdido,
Pelo Inverno vem.
O estorninho sábio
Casa inda não tem.

Do mais alto ramo
Solta a cantilena.
Chora o olival
Toda a sua pena.

Passa o caçador
Sem nada para a ceia:
Que gorjeio de oiro
O teu, Lua Cheia!

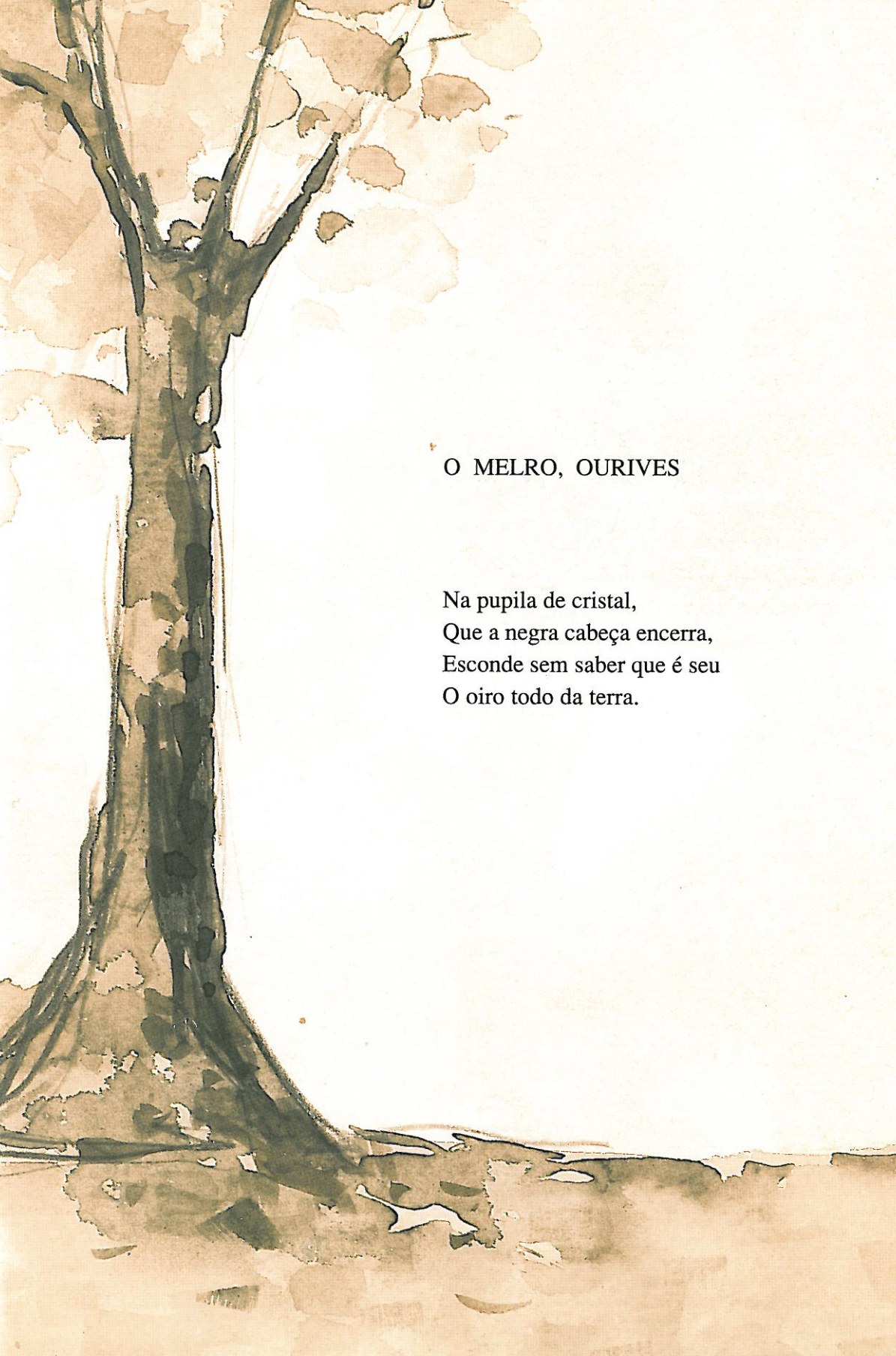
AS MOEDAS FALSAS

Sabendo que eram cunhadas
Numa falsa ligação,
Davam ar, muito emproadas,
De quem tem horas marcadas
Com o ministro da nação.

FAZ-DE-CONTAS

O maroto do João
Um, dois, três
Só quer ao Queima jogar.
Quatro, cinco, seis
Ai que grande reinação
Sete, oito, nove
Vai nas contas de somar!
Se a cabeça não pensar
E o João não acertar
Quem de *cem* tira *noventa*,
Pelo número que lhe resta
Vão as orelhas crescer:
Vai ser o bombo da festa.





O MELRO, OURIVES

Na pupila de cristal,
Que a negra cabeça encerra,
Esconde sem saber que é seu
O oiro todo da terra.

NAMORO

Partem sem se ver,
Mal finda o verão.
No cedro do parque,
Quase entrelaçados,
Dois nomes estão:
Amo-te Joana,
Amo-te João.
Um raminho de heras
Faz de coração.

O BOMBO DA FESTA

Com seu ar gaiteiro,
Ecoa de pronto:
Seu tamborileiro,
Estou a ficar tonto!

Estraleja o foguete
Sobre o arraial.
Com tanto apertete
Não se sinta mal!

Lá vem o andor.
Que santo trará?
Passa o Regedor
Quem juiz fará?

Pares enlaçadinhos
Dançam no terreiro.
Junte esses pezinhos,
Seu bombo brejeiro!

A COR DAS VOGAIS

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o A amor-perfeito.

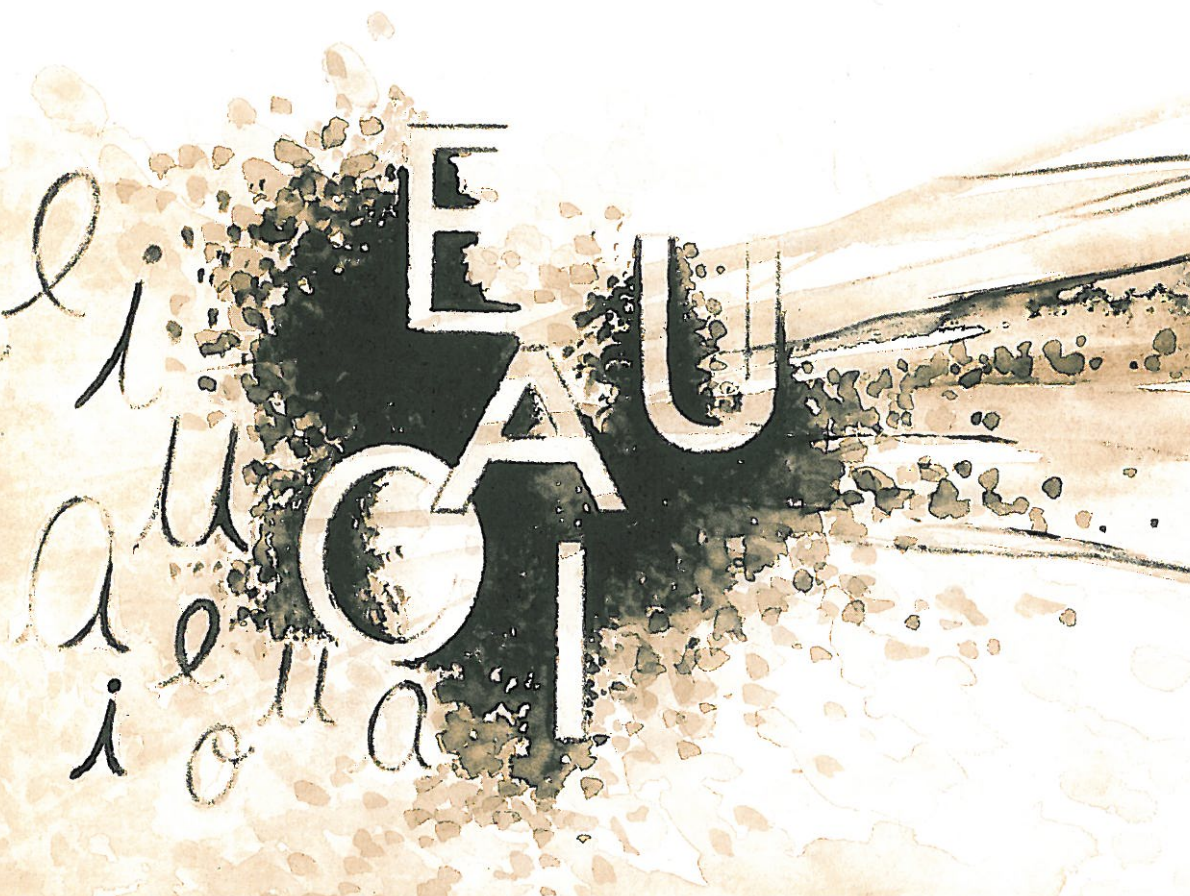
Raminho de estrelas,
Vou-te pôr ao peito!

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o I ilha no mar.

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o E estrela distante.

Barquinho de espuma,
Quero navegar!

Luzeirinho de oiro,
Guia-me um instante!

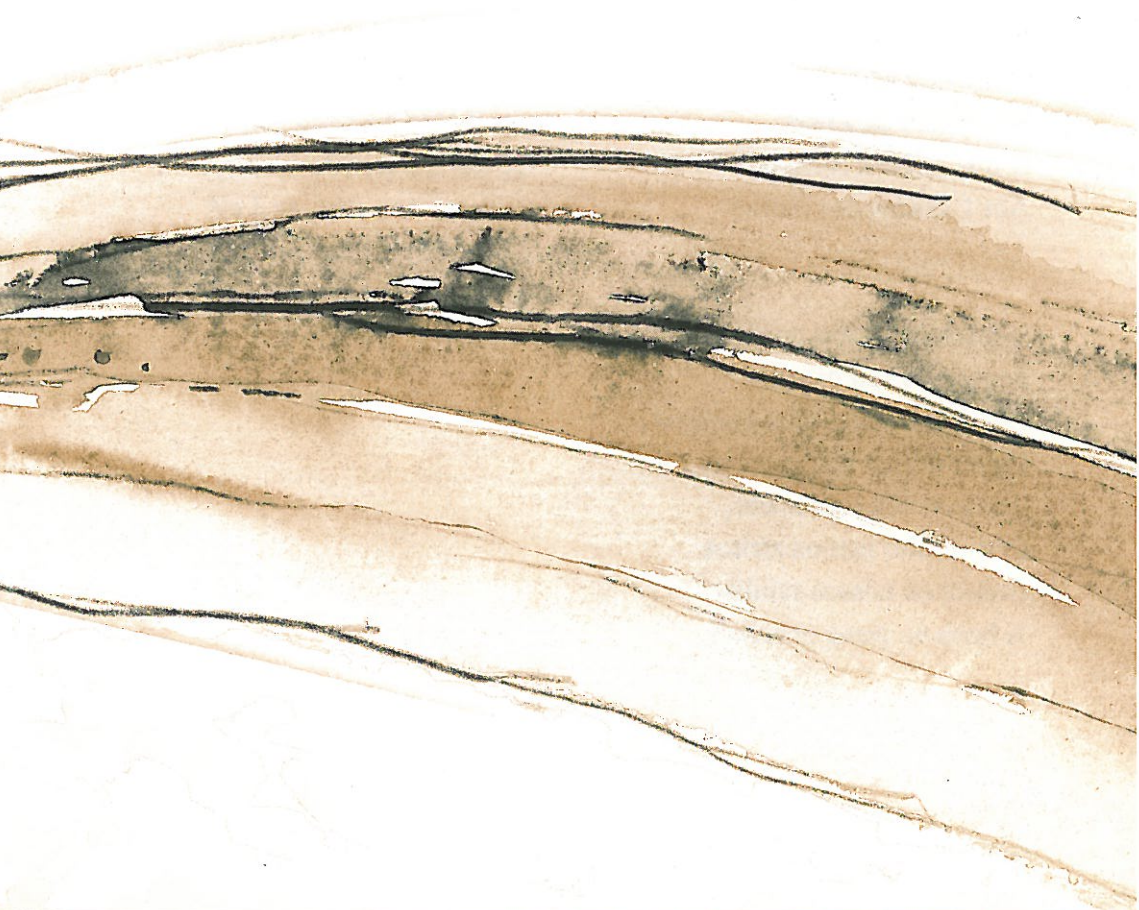


Com as cores do arco-íris,
Fez-se o O ocasião.

Princesa da ilha,
Dá-me a tua mão!

Com as cores do arco-íris,
Fez-se o U único amor.

Cores do arco-íris,
Qual a vossa cor?



TRINTA-POR-UMA-LINHA

Eram trinta por uma linha
Alfaiates, já se vê!

Uns, os mais pequenitates,
Tinham perna tão curtinha
Que só cosiam com linha
Bainhas de Bonifrates.
Outros, gordos, barrigões,
Só sabiam descoser
O que faltava romper
Aos Casacas dos Salões.

Segreda a agulha ao dedal
Segura do seu dizer:
Quem por uma linha guerreia,
Discursa, intriga, protesta,
Anda de ofício trocado.
Com muito menos atritos
Cosem os nossos ministros
A boca ao povo enganado.

Eram trinta-por-uma-linha
Alfaiates, outra vez!
Quem mais na vida se cose
É o trinta-e-um português.

O NARIZ DO HORTELÃO DINIS

Bem rico podia ser,
Este hortelão preguiçoso,
Se o nariz lhe desse a crescer
Como um repolho, folhoso,
Quando mentia a valer.

Mas diz um velho ditado
Que as hortas o tempo têm
Já por si tão calculado
Que quem meter o nariz,
Na Lua, sem ser chamado,
Mesmo que seja Dinis
Fica p'ra sempre enguiçado.

ODE A UMA CABRINHA DE ROSA RAMALHO

De olho no silvado,
P'lo caminho vem.
Passinho enlaçado
Não serve a ninguém.

Lua que a vigia
Cheia a fez mulher.
Bichinha bravia
Cajado não quer.

Foge o rio à ponte,
Pelo alvorecer:
Que alegria, ó monte,
Tanto a faz correr?



LENGALENGA

Pela rua abaixo
Vai um rabanete:
Colarinho alto,
Dedo no colete.

Galo galaroz,
Velho politiqueiro,
Vê-se bem pela crista
Quem canta a dinheiro!

Vão os bois ó carro,
Que tens tu com isso?
Marido enganado
É fogo em cortiço!

Bichos carpinteiros
Em madeira dura
São pecados velhos,
Nosso padre-cura!

Pela estrada fora
Vai um carrapato:
Leva um pé descalço,
Outro sem sapato.

OS AUTORES

Jorge Ulisses nasceu em Mangualde, em 1940.

Cursou Escultura na ESBAP, onde actualmente é professor.

Até à data, realizou exposições individuais em Portugal, Espanha e Estados Unidos, de que se destacam: Cinco Anos de Escultura / Coop. Árvore, Porto (1989); Galeria Sargadelos, Barcelona (1987); Galeria Woodlot, Sheboygan-Chicago (1988).

Participou nas 3.^a e 4.^a Bienais de V. N. Cerveira (1982 e 1984); «O Papel como Suporte», Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (1982); Exposição Internacional de Arte de Chicago, Estados Unidos (1985); 3.^a Exposição Nacional da Fundação Gulbenkian (1986); Antologia de Desenho do Século XX, Mercado Ferreira Borges, Porto (1987); Exposição Internacional de Obras de Arte da Cruz Vermelha, Barcelona (1987).

Tem desenvolvido intensa actividade nos domínios da medalhística (presenças na FIDEM / Exposição Internacional de Arte da Medalha em Cracóvia-Polónia, 1975; e Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1979) e executado trabalhos gráficos, retrato e ilustração de livros, cartazes e catálogos, nomeadamente em obras de Eugénio de Andrade).

Encontra-se representado nos Museus da Casa da Moeda, Amadeu Souza-Cardoso e de Arte Contemporânea de Palma de Maiorca.

*

Vergílio Alberto Vieira nasceu em 1950 nos arredores de Braga.

Licenciado em Letras pela Universidade do Porto, tem repartido a sua actividade pelo ensino e pelo jornalismo cultural em áreas tão diversas como a crítica, o ensaio e a tradução. Actualmente, escreve para o Jornal de Notícias, Semanário África, Jornal de Letras, O Primeiro de Janeiro, Combate e Letras & Letras. Durante mais de dez anos foi colaborador assíduo do Diário de Lisboa.

Até ao momento, publicou cerca de dezasseis títulos nos campos da poesia, ficção, diarística e texto infantil, tais como: *A Idade do Fogo* (1980), *Chão de Víboras* (1982), *A Paixão das Armas* (1983), *Os Sinais da Terra* (1984), *Pedra de Transe* (1984), *Destino de Orfeu* (1987), *A Adivinhação pela Água* (1990) e *As Sequências de Pégaso* (1990).

Está representado em cerca de uma dezena de antologias de poesia e ficção, incluído em manuais dos ensinos básico e universitário; e colaboração em revistas de Portugal (Colóquio), Espanha (Hora de Poesia e Luzes de Galiza), Estados Unidos (Micromegas), Brasil (Escrita, Ficção e Dimensão), Canadá (Reenbou), Itália (II Cobold e II Vento Salato), Colômbia (Kanora), Uruguay (Poética) e França (albatroz).

É autor de quatro títulos de literatura para a infância: *A Semana dos Nove Dias* (Asa, 1988), *Histórias dos Pés à Cabeça* (Porto Editora, 1989) e tem no prelo: *O Livro das Artes*.

A Cor das Vogais é o seu primeiro livro no domínio da poesia infanto-juvenil.